

muitos objectos para as *Antiquidades monumentaes do Algarve*; e a mim mesmo, por mais de uma vez, me prestou serviços analogos (cfr. *O Arch. Port.*, I, 280-281; e V, 143). O seu labor, como homem de sciencia, será sempre muito apreciado, especialmente pela *Descripção das moedas de Portugal*, obra que bastava só por si para immortalizar um nome.

J. L. DE V.

Bibliographia

Boletim da Sociedade Archeologica de Santos Rocha. n.º 1, quinta sessão plenaria. Figueira 1904, 32 paginas e 3 estampas. Preço de cada numero 200 réis.

I

Postoque em Portugal houvesse já sufficientes publicações do genero d'esta, saudamos o novo *Boletim*, e desejamos-lhe longa vida. O presente numero vem interessante e variado. Eis os assuntos nelle tratados:

A Sociedade Archeologica e o seu Boletim. Breve historia da Sociedade e das suas sessões plenarias. — Esqueceu dizer a pag. 5 que n-*O Arch. Port.*, em diversos fasciculos, publicou o fallecido Belchior da Cruz o resumo das sessões plenarias.

Necropole neolithica da Moita (Cantanhede). Noticia de um dolmen já derrocado, e do respectivo espolio archeologico.

Materiaes para o estudo da epoca neolithica na Figueira. Noticia de varios instrumentos de pedra, pela maior parte existentes no Museu da Figueira.

Materiaes para o estudo da epoca do bronze. Noticia de dois machados de argola unilateral provenientes de Alvaiazere. — Estacio da Veiga, nas *Antig. mon. do Algarve*, vols. III e IV, publicou já bastantes elementos para o conhecimento d'esta epoca; convem porém publicar muitos mais, pois que ella é ainda imperfeitamente conhecida. No Museu Ethnologico existem alguns machados cujo typo se aproxima dos aqui estudados.

Estação luso-romana da Pedrulha. Noticia de um fragmento de reboco ornamentado, e de um *pondus* em que se lê ALLA . . . , palavra que o autor do artigo pergunta se terá alguma relação com *Alhadás*. Póde responder-se negativamente. Aquellas letras fazem certamente parte de uma marca figulina do typo de outras que se vêem em *pondera* de Conimbriga existentes no Museu Ethnologico, embora nestes as letras sejam diversas d'aquellas¹.

Tijolos romanos do Museu da Figueira. Descripção de varios typos de tijolos: *rectangular, trapezoidal, triangular.*

Noticias de alguns silos e louças arabes do Algarve. Elementos para o estudo dos silos, cuja significação é ainda obscura.

¹ A palavra *Alhadás* não podia provir de uma latina que começasse por *alla-*; oppõe-se a isso a phonetica portuguesa.

Pelourinhos da Figueira. Notícia dos pelourinhos de Redondo, Buarcos e Figueira, com algumas considerações preliminares.

Superstições populares da Figueira. Crenças, ensalmos, oráculos, etc. Muitos dos factos aqui indicados são conhecidos noutros pontos do país, como consta de varias obras que convinha citar para facilitar aos investigadores o respectivo estudo. Parecem-me porém menos conhecidos os seguintes: *deitar as cartas* e *deitar a peneira*, para saber o futuro. Dos bilhetes ou requerimentos dirigidos aos santos se tratou aqui mesmo n-*O Archeologo*, I, 87-89.

O fasciculo é collaborado pelos Srs. Dr. Santos Rocha, Belchior da Cruz, F. Gil, Ferreira Loureiro e P. Fernandes Thomás.

II

Nota sobre a operação de deitar a peneira

A adivinhação com a peneira data da antiguidade. A mais antiga allusão que conheço vem num verso de Theocrito, *Idyllios*, III, 31, ed. de Ameis (Didot):

εἶπε καὶ Ἀγροῖὸς τάλανθρα κωσκινῶμαντις. . .

ii é «dixit etiam Agróeo verum cribraria vates». D'este assunto tratou, embora summariamente, Bouché Leclercq na *Hist. de la divination dans l'antiquité*, I (1879), 183, onde cita essa e outras fontes.—Da palavra κωσκινῶμαντις «adivinho do crivo» criou-se o substantivo abstracto κωσκινῶμαντεία «adivinhação com o crivo», que é empregado por alguns eruditos modernos. Como porém elle traz uma interrogação no *Griechisch-Deutsche Wb.* de Pape, e não vem no *Dict. grec-fr.* de Bailly, — dictionarios estes muito bons —, supponho que foi formado recentemente, e não pertence pois á litteratura grega propriamente dita.—Á palavra κωσκινῶμαντεία corresponde em latim a palavra *coscinomantia*, que encontro nos dictionarios de Freund, Theil, Benoist-Goelzer, Georges e noutros, auctorizada unicamente com S. Agostinho, *Obras*, tomo v, pag. 426 [da ed. de 1569]. Mas o mais curioso é que tal palavra não existe em S. Agostinho, e só existe no commentario de L. Vives, tambem em latim, áquellê passo. A proposito da palavra *hydromantia*, empregada por S. Agostinho, diz Vives: «Multis enim modis fiebat olim divinatio: . . . ex crivo, quae *coscinomantia*» (loc. cit., que corresponde á obra de S. Agostinho *De civitate Dei*, VII, xxxv). Os autores dos referidos dictionarios equivocaram-se, tomando o commentario de Vives pelo texto do Santo, ou equivocou-se só um (talvez Freund), e os outros copiaram d'elle. Se, como parece, não ha outra auctoridade que abone a existencia de *coscinomantia* na litteratura latina, essa palavra tem de se riscar dos respectivos dictionarios, por ser de criação moderna.

Da *coscinomancia* na idade-media falla J. Grimm, *Deutsche Mythologie*, vol. II, 4.ª ed., pags. 927-928, onde tambem cita factos, de diferentes epocas, da Allemanha, Dinamarca e França. Vid. mais: Wutke, *Der deutsche Volksaberglaube*, 3.ª ed., Berlim 1900, n.º 369, a respeito da Allemanha; e F. Liebrecht, *Zur Volkskunde*, Heilbronn 1879, pag. 344, a respeito dos Arabes. Pela minha parte posso citar a Galliza como outro país onde a *coscinomancia* existe.

Da antiguidade d'esta superstição em Portugal dão testemunho as Constituições do arcebispado de Evora, de 1534, xxv, 1, e as Constituições do bispado de Goa de 1568, xxxi, 1: vid. Adolfo Coelho, *Ethnographia Portuguesa*, pag. 22 sqq.

Com relação ao sec. XVII temos noticia d'ella num processo da Inquisição estudado por Consiglieri Pedroso, *Contribuições para uma mythologia popular*, VI, 24.

A crença na coscinomancia supponho não ter já muita voga em Portugal; todavia tem alguma. O Sr. Fernando Thomás dá-a como existente na Beira, e eu conheço-a também, pelo menos, no Alto-Minho. Para averiguar bem em que consiste a operação, sujeitei-me eu proprio uma vez a ella, nesta ultima região, em casa de uma mulher de virtude, a quem perguntei se eu me casaria. A mulher mandou-me sentar numa cadeira; depois peneirou com uma peneira uma pouca de cinza no chão, e riscou lá, com o dedo, uma figura d'esta fôrma:



a que chamou impropriamente *sino-saimão*. Tomando novamente a peneira, pousou-lhe dentro, sobre o aro, um rosario, uma tesoura fechada e um vintem (em vez do vintem, podia ser outra qualquer moeda: de cobre, de prata, etc.), e fixou-lhe por fóra, também sobre o aro, segunda tesoura fechada, á qual enrolou outro rosario. A peneira assim disposta chama-se *montada*. Em seguida sentou-se deante de mim, benzeu-se e disse tres vezes a seguinte oração, ao mesmo tempo que ella e eu seguravamos pela tesoura, cada um de nós em seu dedo, a peneira que ficou pendente sobre o sino-saimão:

S. Cypriano, S. Cyprianinho,
Feiticeiro, feiticeirinho,
Orelhas de burro,
Fallas com o Diabo á meia noite,
Declara-me aqui o que eu procuro:

se este Sr. tem de ser casado logo, vira-te p'ra elle; e senão, vira-te p'ra mim. A feiticeira imprimiu um movimento de rotação á peneira, e esta ficou voltada para mim, acrescentando a feiticeira que eu era casado, ou estava para casar, asserções porém ambas falsas.—A toda esta operação chama-se *botar* ou *deitar a peneira*.—Do modo como a benzedeira procedeu conclui que ella acreditava piamente na efficacia do processo, o qual foi posto em prática segundo todas as regras; não era pois impostora, era benzedeira convicta.—A figura de S. Cypriano desempenha varios papeis na magia popular. A tesoura entra igualmente em diversas operações mágicas, e deve a sua virtude já ao metal de que é feita, já a poder tornar-se cruciforme, quando aberta.

É interessante seguir assim a historia de uma superstição desde a antiguidade até hoje. O nosso povo é mais pagão do que se julga. Por baixo da capa do christianismo palpita muito vivo o coração do paganismo; as crenças antigas florescem ao lado das modernas, que, quando muito, lhes dão outro aspecto. O povo não distingue mesmo umas das outras, como na operação de que acabo de fallar, em que, conjuntamente com S. Cypriano e o Diabo, elle faz entrar a tesoura e o sino-saimão, alem de a operação em si ser puramente magica. As paredes da casa da feiticeira estavam forradas de santos, ao mesmo tempo que ella tinha sobre a mesa uma figa, um *sino-saimão* de metal (propriamente dez réis do Brasil com a esphera armillar) e um rosario com algumas contas de azeviche,—tudo objectos de caracter pagão.